

LAURENCE, R. *Roman Pompeii, Space and Society*. Londres e Nova Iorque, Routledge, 1994. 157pp.

Pedro Paulo A. Funari*

Por indicação de Nicholas Purcell e Andrew Wallace-Hadrill, Ray Laurence decidiu transformar sua tese de doutoramento sobre o Urbanismo Romano, orientada por Jeremy Paterson em Newcastle (Inglaterra), em um livro sobre as relações entre o uso do espaço e a organização social em Pompéia. O resultado consiste em uma obra inovadora que busca superar a dicotomia artificial entre historiadores e arqueólogos e que procura dar conta das tendências contemporâneas nas duas disciplinas, tão frequentemente ignoradas pelo empiricismo de historiadores e arqueólogos classicistas (p.ix). Há fortes pressões burocráticas para que estes últimos sejam infensos à inovação (Dyson, 1989: 134), mas Laurence propugna um sábio domínio seja da literatura positivista, com nomes tão importantes como Paul Zanker (1994: 281), como da moderna teoria social; aproxima-se, pois, da moderação propugnada, entre outros, por Bruce G. Trigger (1995: 456).

Em certo sentido, o livro de Laurence constrói-se como uma resposta arqueológica à monografia do historiador W. Jongman, *The Economy and Society of Pompeii* (1988), resenhada em *Classica* (Funari, 1991), cujas deficiências quanto à evidência material merecem comentários detalhados por parte de Laurence (pp.8-9 *et passim*). Neste sentido, o autor insere-se na vertente arqueológica que rejeita a separação entre as duas disciplinas e propõe-se a escrever uma história arqueológica (cf. Jones, 1991: 105; Snodgrass, 1991; Coarelli, 1994: 298). Para tanto, começa por tratar da discussão historiográfica sobre o caráter da sociedade pompeiana (Introdução). Em seguida, procura mostrar como o conceito de “planejamento urbano” é filho do início do século XX e, portanto, anacrônico como aplicado, neste último século, pelos estudiosos de Pompéia (Capítulo 1).

O estudo das construções públicas e a identidade urbana retoma, basicamente, os clássicos “positivistas” (Mau, Maiuri, Richardson, Zanker). Laurence aceita o ponto de vista tradicional de que o espaço público promovia a idéia de comunidade e consenso; a onipresente interpretação conservadora de Zanker, cuja Pompéia é uma sociedade sem conflitos e harmoniosa, culturalmente unitária, é adotada sem críticas por Laurence. O oposição entre massas e elite, tão clara para os próprios antigos, como explicitada por Cícero no *Brutus* (183-200), desaparece no conceito extra-classe de identidade urbana (cf. Bolonyai, 1993).

O capítulo terceiro esmiuça a identidade local, expressa nos vizinhos e nas vizinhanças. Após destruir a fantasiosa identificação de *uicini* e *uicani*, base da interpretação de Jongman, Laurence propõe que os “vizinhos” (*uicini*) dos cartazes eleitorais estavam na raiz da identidade local centrada no culto dos *Lares Augusti* (p.40). Em seguida, trata-se da questão mais controversa, o caráter econômico da sociedade romana, a partir dos vestígios materiais (ânforas, padarias, manufaturas diversas). Sua análise permite descartar, como insustentável empiricamente, o modelo da cidade consumidora, propugnado por Finley e Jongman (cf. Cohen, 1992; Taglietti, 1994; Jacobsen, 1995).

Prostíbulos e bares são agrupados, no quinto capítulo, sob o significativo rótulo de “comportamento desviante”. O estudo da localização desses estabelecimentos, presentes em locais “deliberadamente fora do alcance da visão da elite” (p.73), induz Laurence a aceitar a interpretação funcionalista, presente nos capítulos iniciais, e que explica a prostituição como promotor da estabilidade da família patriarcal romana (p.71). O domínio da ideologia da elite parece inexorável; referindo-se ao isolamento dos prostíbulos e bares, afirma que “havia uma diferença entre a elite moralmente boa e o resto da população. Isto é importante, porque a elite controlava, manejava e fazia cumprir a lei e impunha sua vontade sobre o resto da população”

(*) Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

(p.80). O ponto de vista de Laurence identifica-se com a elite, que conseguiria isolar os *mercennarii*, e não procura investigar como viviam e pensavam os muitos pobres que se “desviavam” da conduta propugnada pela elite.

A atividade nas ruas e a interação entre as pessoas (Capítulo 6) são estudadas por meio de inovadoras quantificações, como a fórmula “ocorrência de soleiras = comprimento da rua em metros/número de soleiras” (p.89), aplicada, comparativamente, a Pompéia, Ostia e Roma (p.95). Outra fórmula mede a “ocorrência de grafites = comprimento da rua/número de grafites” (p.96). Outras fórmulas são usadas no sétimo capítulo, sobre a produção do espaço, em particular para medir o grau de integração e separação de casas e ruas ($RA = 2(MD - 1)/K - 2$; RA = assimetria relativa; MD = média de profundidade; K = número de espaços). O oitavo capítulo, por outro lado, funda-se nas informações da tradição textual sobre o uso do tempo e do espaço em Roma antiga, a começar pela constatação de que o tempo moderno é uma criação da Revolução Industrial e, portanto, inadequado para o estudo do mundo antigo. Laurence apresenta um quadro de equivalências entre as horas romanas, no decorrer do ano, e as horas modernas (p.124). Apresenta o correr do dia para a elite, demarcada pela sua função política, e o dia-a-dia da maioria da população. O capítulo conclusivo retoma os principais pontos levantados anteriormente, ressaltando os diferentes mundos em que viviam pobres e ricos, homens e mulheres.

Em termos gerais, Laurence deixa de lado, conscientemente, o estudo do espaço interno de Pompéia e as inscrições parietais, pois remete aos estudos, em andamento, de Penelope Allison, e Hendrik Mouritsen; como consequência, não trata

das pinturas, estatuária, *instrumentum domesticum* e outros vestígios materiais (cf. Allison, 1995). Qualquer obra deve recortar o seu objeto e, neste sentido, não caberia condenar Laurence por não tratar dessas categorias documentais. Contudo, em uma obra que almeja superar a dicotomia entre História e Arqueologia, a ausência de reflexões sobre a epigrafia e a filologia é particularmente sentida. A epigrafia tem permitido rediscutir, por exemplo, o próprio caráter da economia romana (e.g. Corell, 1992) e o conhecimento dos grafites figurados (Vivolo, 1993) e eróticos (Varone, 1994) permitiria interpretar com mais profundidade a estrutura social e os matizes ideológicos em Pompéia. Em especial, a visão funcionalista de Laurence, segundo a qual Pompéia constituía uma sociedade a serviço da elite, parece em contradição com seu próprio objetivo de analisar criticamente a produção de conceitos sobre Pompéia. O empenho do autor em historicizar o “urbanismo” não se coaduna com a falta de preocupação em discutir conceitos tão ou mais problemáticos, como “identidade”, “consenso”, “comportamento desviante”. A análise de discurso restringe-se a alguns postulados, justamente criticados como construções discursivas extemporâneas, desaparecendo naqueles temas em que o autor aceita, sem maiores justificativas, modelos positivistas, funcionalistas ou oriundos do senso-comum.

O grande mérito de Ray Laurence, de qualquer forma, consiste em criticar muitas interpretações correntes e em propor uma série de métodos inovadores para estudar os vestígios materiais de Pompéia. São estudos monográficos como este que permitirão repensar, nos próximos anos, as características não apenas de Pompéia como da própria sociedade antiga.

Referências bibliográficas

ALLISON, P.M.

- 1995 House contents in Pompeii: data collection and interpretive procedures for a reappraisal of Roman domestic life and site formation processes. *Journal of European Archaeology*, 3 (1): 145-176.

BOLONYAI, G.

- 1993 Iudicium docti indoctique. *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, 34 (1-4): 103-137.

COARELLI, F.

- 1994 L'archéologie classique dans la culture européenne d'aujourd'hui. *Revue Archéologique* (2): 294-302.

COHEN, E.E.

- 1992 *Athenian Economy and Society. A Banking Perspective*. Princeton, University Press.

CORELL, J.

- 1992 El grafito sobre tegula de la Boatella, Valencia. Una nueva lectura. *Faventia*, 14 (2): 87-97.

DYSON, S.L.

- 1989 The role of ideology and institution in shaping classical archaeology in the nineteenth and twentieth centuries. A.L. Christenson (Ed.) *Archaeology's Past, the Historiography of Archaeology*. Southern Illinois State University, Carbondale: 127-138.

FUNARI, P.P.A.

- 1991 Resenha de W. Jongman, *The economy and society of Pompeii*. *Classica*, 4: 245-248.

JACOBSEN, G.

- 1995 *Primitiver Austausch oder Freier Markt? Untersuchungen zum Handel in den gallisch-germanischen Provinzen während der römischen Kaiserzeit*. Scripta Mercaturae Verlag, Heidelberg.

JONES, R.

- 1991 Archaeology, the *longue durée* and the limits of the Roman Empire. J. Bintliff (Ed.) *The Annales School and Archaeology*. University Press, Leicester: 93-107.

SNODGRASS, A.

- 1991 Structural history and classical archaeology. J. Bintliff (Ed.) *The Annales School and Archaeology*. University Press, Leicester: 57-72.

TALIIETTI, F.

- 1994 Un inedito bollo laterizio ed il commercio dell'olio betico. *Epigrafia della produzione e della distribuzione*. École Française de Rome, Roma: 157-193.

TRIGGER, B.G.

- 1995 Expanding middle-range theory. *Antiquity*, 264 (69): 449-458.

VARONE, A.

- 1994 *Erotica Pompeiana*. L'Erma di Bretschneider, Roma.

VIVOLO, F.P.M.

- 1993 *Pompei, i graffiti figurati*. Bastogi, Nápoles.

ZANKER, P.

- 1994 Nouvelles orientations de la recherche en iconographie. *Révue Archéologique* (2): 281-293.

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 1995.